

O Dia da Pátria em três vozes

GALIZA LIVRE :: 27/07/2020

El Dia da Patria en tres voces

No dia de ontem e antes de ontem não estivemos apenas a fazer seguimento das organizações e os seus discursos, caminhamos também as ruas mais céntricas da nossa capital para tomar o pulso das mobilizações, e saber quais as motivações da militância e base social na hora de assistir aos actos num ano tão anómalo. Entre milhares de pessoas, detivemo-nos a conversar com três activistas que nos deram a sua peculiar visão sobre a jornada, e os tempos políticos que vivemos.

“É um dia de laços e socialização”

Na manifestação juvenil que sai da Alameda no sábado do 24 topamo-nos com **Artai**, um moço **ourensano** que, como tantos e tantas outras, vem à nossa capital pontualmente nestas datas. “Todos sabemos por que é importante estar hoje aqui”, diz-nos; “não são mobilizações que vão mudar nada, mas são uma grande ocasião para socializar o ideário nacionalista, para dar a conhecer o nosso movimento.” Além disso, Artai vinha também no importante papel social do Dia da Pátria movimento galego: “é um dia de reencontro, de afortalar laços, mesmo num momento tão anómalo como este, e mantendo toda a prudência por razões sanitárias. Mas a socialização é para mim muito importante, e aliás é um elemento importante da nossa identidade nacional, que vemos noutros contextos.”

Para Artai, o desdobramento de bandeiras espanholas nas ruas, os berros acusatórios de cidadãos ultras isolados aos que assistimos, não têm aqui importância: “não, o da ameaça ultra nas ruas é um problema de outras latitudes, de outras zonas da Península, aqui temos questões específicas que abordar, essa não é prioritária.” Ora, ao entrevistado não se lhe escapa a importância da coacção às liberdades que supõe o desdobramento policial e o cerco às manifestações: “levamos anos em que, com o pretexto do antiterrorismo, se impede o normal desenvolvimento dos actos, o que evidencia que a sua preocupação não é um terrorismo que não existe, senão o independentismo, que é o que temem.”

Artai, moço independentista ourensano

Num ano marcado pelo auge eleitoral nacionalista, Artai é optimista, mas a um tempo cauto: “poderia ser que o auge do BNG fixasse aumentar a consciência independentista, mas isso depende de dois factores: de que nessa estrutura se aceite mais e mais a ideia da independência, e se socialize, e de que o movimento social nacionalista se active em todos os âmbitos: “se a base social, com essa estrutura organizativa tão forte que tem o nacionalismo, se põe em andamento, então os sucessos eleitorais podem derivar em aumento da consciência.”

“Entendo esta data sempre enquadrada na luta da classe trabalhadora”

Conversamos com **Sara, militante juvenil** muito activa, também da **cidade das Burgas**, baixo a balbúrdia do helicóptero policial que dificulta as conversas na zona velha, e que constitui o testemunho da vigilância permanente das pessoas mobilizadas nesta data. “Para mim hoje, o 24 e o 25, é fundamental estar aqui. Diria a toda a gente de classe obreira que este dia também é nosso, pois na nossa Terra, a luta de classes e a luta em defesa da Terra sempre fôrom unidas. Penso que devemos entender e difundir a data com esta linguagem e com estas chaves”, diz-nos Sara.

As duas jornadas, sem equivalente na história por mor do vírus, resultam estranhas para todas neste ano: “palpa-se ainda medo, vem-se reparos, mas nom por isso devemos desmobilizar-nos. Cumpre cuidar-nos, cuidar a nossa gente, mas nom por isso deixar as ruas. Estar nelas mantendo todas as medidas. Isto também inclui dar resposta à extrema direita, que hoje é um fenómeno mundial, mas que está na Galiza particularmente a fazer-se notar. Muitas vezes engordada pola mídia, é certo, mas nom devemos deixar passar que pretendem ganhar espaço, e nom se deve permitir.”

Sara, militante juvenil independentista

Para Sara, como praticamente para todas as assistentes aos actos, a cena das carrinhas e dos fardados armados nom responde à lógica da segurança, senom “da pura coerção: impedir que assistamos aos actos, criminalizar-nos, arredar-nos da sociedade, e fazer que abandonemos a rua.” A militante insiste em que este é precisamente o espaço dos movimentos sociais, o prioritário: “sem dúvida, sem nenhuma dúvida. Eu nom acredito nas instituições nem no Estado. E si, reconheço que umha voz institucional em chave galega que fale dos nossos problemas, e que apareça na mídia convencional, é um factor positivo. Mas sem esquecer que a auto-organização e a mobilização som a chave.”

“Cumprem organizações que falem claro”

Adolfo, da **Corunha**, representa outra geração. Veterano dos **movimentos sociais da cidade herculina, independentista e militante sindical**, conversa com o Galiza Livre na manhã do dia seguinte na Alameda. “Este dia é obrigado para a defesa da nossa identidade e a nossa independência. Do Estado e do governo espanhol nom podemos esperar nada.”

Adolfo é crítico com a focagem do dia por parte do nacionalismo neste 2020: “si, é certo que o vírus generou desmobilização e temor, mas também responsabilizo o BNG por curtar com umha tradição de rua que tinha mais de 50 anos. Nom lhe podemos ter medo a todo! Com mantermos medidas de segurança estritas, nom haveria porque suspender um verdadeiro acto nacional.”

O militante vencelha parcialmente esta timidez com o auge da extrema direita. “O Covid genera desmobilização e medo, é claro, mas se nos renunciemos a mobilizar, o inimigo nom o fai, e eis o problema.” Ainda, para ele o grande problema nom é a extrema direita explícita, tam na moda nestes meses: “nom esqueçamos que os fascistas já governavam, ainda que o faziam camuflados, e tampouco esqueçamos que vivemos sob umha ditadura da burguesia que permite o que permite, e exclui o resto. Neste 25 de julho, devêssemos ter isto claro também.”

Longe de outras perspectivas, as esperanças de Adolfo nom se ponhem em absoluto no resultado eleitoral que vimos de viver: “Nom som nada optimismo. Que os resultados podem aumentar o independentismo? Mas o BNG nom é um partido independentista, se fala de autodeterminaçom fai-no de esguelho; e mesmo maiorias eleitorais que sejam desta orientaçom, como vimos na Catalunha, nom vam muito longe se nom há um plano firme. O que precisamos som organizaçoms que falem claro e que fundam a questom nacional com a questom social.”

<https://galiza.lahaine.org/o-dia-da-patria-em>